

**LINGUAGENS E PRÁTICAS JORNALÍSTICAS NA ERA
DA MOBILIDADE ONLINE**

Grace Bender Azambuja¹

RESUMO

O jornalismo móvel e o jornalismo 3G têm constituído uma das formas mais recentes de reestruturação das práticas e linguagens jornalísticas em virtude das relações entre o global e local. Na verdade, estes são fenômenos conseqüentes das novas formas de se lidar com o tempo e o espaço na sociedade contemporânea e a união entre comunicação e mobilidade parece ser fator que generaliza esse panorama de mutações. Mediante um levantamento do quadro de referência constituído por operações de carácter teórico sobre o fenômeno jornalístico e as novas tecnologias da informação (tecnologias e cultura das mídias, webjornalismo e jornalismo móvel), o presente artigo busca localizar o jornalismo móvel e 3G dentro dessas categorias e oferecer subsídios para que se possa utilizar uma nova nomenclatura.

Palavras-chave: Jornalismo. Linguagens. Novas tecnologias. Mobilidade.

INTRODUÇÃO

As tecnologias de comunicação, cada qual em seu tempo, resultaram sempre em transformações significativas na sociedade, nos hábitos e nas formas do homem se expressar, agir, interagir e conceber o mundo. Como fruto das sociedades contemporâneas, cuja velocidade é um dos fatores principais que norteiam a vida de grande parte da população, as Novas Tecnologias da Informação e Comunicação (NTICs) passaram a agilizar e a viabilizar outras linguagens e formas produtivas de conteúdo comunicacional. Observam-se, desse modo, diversas mídias convergindo na produção de conteúdos multimidiáticos numa velocidade de difusão e recepção nunca antes vista.

A última grande revolução tecnológica com a introdução do telefone celular e o desenvolvimento de aparatos móveis cada vez mais complexos e,

inversamente, menores e mais portáteis, talvez revele o quanto de fato a tecnologia passa a ser indissociável da sociedade. A história tem mostrado “que os usuários são os principais produtores de tecnologia, adaptando-a a seus usos e valores e acabando por transformá-la” (CASTELLS, 2003, p.28).

Os telefones móveis surgiram com uma determinada finalidade, mas os diferentes usos decorrentes das adaptações feitas pelos usuários transformaram o segmento de forma rápida e drástica. Hoje é possível encontrar uma variada gama de aparelhos dos mais sofisticados e usos que vão desde simples chamadas de voz até verdadeiras coberturas jornalísticas direto dos lugares mais remotos.

AS TECNOLOGIAS CONTEMPORÂNEAS DA COMUNICAÇÃO

De forma abrangente, é considerada uma tecnologia móvel toda tecnologia que possibilita o movimento do usuário pelos espaços públicos e privados, sem impedimentos do usuário na realização do deslocamento ao carregar o aparelho. A conexão sem fio, enquanto quarta revolução dentro da computação permite aos usuários acesso e envio de informação distribuída através das redes telemáticas, independente da localização e das mudanças de posicionamento no espaço.

A história da evolução do telefone demonstra uma constante integração de variados meios em apenas uma única plataforma. Em “*Remediation: Understanding New Media*”, Bolter e Grusin introduzem a idéia de que uma mídia nova sempre irá remediar as mídias antigas, como no caso da mídia digital remediando seus predecessores. Seguindo o conceito desenvolvido pelos autores, as tecnologias da comunicação poderiam ser enquadradas em qualquer uma das três formas de remediações:

- *Remediação como a mediação da mediação.* Cada ato de mediação depende de outros atos de mediação. Meios de comunicação estão continuamente comentando, reproduzindo e substituindo um ao outro, e esse processo é parte integrante da mídia. As mídias necessitam umas das outras a fim de funcionarem como meios de comunicação de fato.
- *Remediação como a inseparabilidade da mediação e da realidade.* Embora a noção de Baudrillard de simulação e simulacro possa sugerir o contrário, todas as mediações são elas próprias reais. Elas são reais como artefatos (mas não como agentes autônomos) em nossa cultura mediada. Apesar do fato de que todos os meios de comunicação dependem de outros meios de comunicação em ciclos de remediação, a

nossa cultura ainda tem de reconhecer que todos os meios remedeiam o real. Assim como não se pode se livrar da mediação, não se pode se livrar do real.

- *Remediação como reforma*. O objetivo da remediação é remodelar ou reabilitar outras mídias. Além disso, como todas as mediações são tanto reais quanto mediações do real, remediação também pode ser entendida como um processo de reforma da realidade. (BOLTER; CRUSIN, 1999, p. 55-56)

Deste modo, percebe-se que os processos de apropriação e renovação das possibilidades tecnológicas oferecidas pelos mais variados artefatos móveis de comunicação são, na verdade, parte de remediações. Isto é, adaptações de mídias tradicionais aos desenvolvimentos tecnológicos de novas mídias, e vice-versa.

A lógica de *hypermediacy* também pode ser aplicada às mais variadas mídias móveis, em especial aquelas com recursos multididiáticos avançados, ao se observar uma clara tendência contemporânea de tentativas na reprodução da realidade percebida de modo cada vez mais imediato e transparente. Em outras palavras, o desenvolvimento de multifuncionalidades em dispositivos móveis, cujo serviço de ligação telefônica se trata de apenas mais uma funcionalidade, integram um conjunto de práticas hipermidiáticas que acentuam a nitidez na reprodução da “realidade” perceptível.

Mcluhan já enfatizava na década de 1960 o fato de as mídias serem extensões do nosso corpo humano de forma a ampliar a percepção da realidade ao redor.

Todas as ferramentas e tecnologias humanas, seja casa, chave inglesa ou roupa, alfabeto ou roda são extensões diretas de nosso corpo ou de nossos sentidos. Os computadores são extensões de nossos cérebros. Como extensões de nossos corpos, as ferramentas e tecnologias nos dão nova influência e nova intensidade de percepção e ação. (MCLUHAN, 1969, p. 38).

Um telefone celular comum, por exemplo, introduz mais um tipo de extensão – a extensão corpórea – à extensão sensorial possibilitada pelo telefone fixo enquanto ampliador da capacidade auditiva. Por atributos como portabilidade e mobilidade, o celular inaugurou a possibilidade de desterritorialização geográfica, tornando a percepção da realidade mediada mais transparente, cada vez mais parecida com a comunicação “real” no sentido de que a locomoção se faz independente, até certo ponto, do espaço onde esteja acontecendo.

Duas características passam a se sobressair com a difusão desses aparelhos pelo globo²: a ubiqüidade e o nomadismo. Pode-se dizer que os celulares não são inteiramente aparelhos ubíquos, mas estão se tornando cada vez mais ubíquos devido a sua onipresença, na medida em que são disseminados nos mais variados ambientes e seu uso passa a ser natural (pervasivo) ao assumir características de invisibilidade (WEISER, 1991). Esses dispositivos tecnológicos de comunicação também são considerados nômades enquanto garantem a mobilidade para além dos limites impostos por uma rede fixa. Suas principais características, de acordo com Lyytinen e Yoo (2001, online) são: mobilidade, convergência digital e disseminação em larga escala.

Diante disso o dispositivo móvel passa a atuar como uma verdadeira prótese acoplada ao corpo, intensificando ainda mais a percepção da realidade ao estender outras mídias e, por conseguinte, outras capacidades sensoriais do ser humano. Todas essas transformações permitem que essas ferramentas tomem diferentes usos, sendo apropriadas pelos usuários enquanto interface mediadora de relações comunicacionais e sociais mais complexas. Os diferentes usos possibilitam a definição da percepção do espaço em que se habita, assim como o tipo de interação com os indivíduos com os quais tem condição de se comunicar. Castells identifica esta transformação nas comunicações sociais a partir dos seguintes atributos:

A integração potencial de texto, imagens e sons no mesmo sistema – interagindo a partir de pontos múltiplos, no tempo escolhido (real ou atrasado) em uma rede global, em uma rede global, em condições de acesso aberto e de preço acessível – muda de forma fundamental o caráter da comunicação (CASTELLS, 1999, p. 354)

Alguns casos paradigmáticos que ilustram a mudança no caráter da comunicação têm como pano de fundo a utilização de telefones celulares: os protestos de *smart mobs*³ nas Filipinas em 2001 contra o presidente Joseph Estrada, as coberturas do Tsunami no Sudeste Asiático em 2004, a cobertura dos atentados ao sistema de transporte Londrino em 2005 e os conflitos na Faixa de Gaza e os protestos no Irã contra a reeleição de Ahmadinejad, ambos os casos em 2009.

Nas instituições jornalísticas os aparelhos de comunicação móvel também vêm sofrendo readaptações no modo como são utilizados e apropriados para a

produção de conteúdo jornalístico. Uma vez que será dada ênfase na utilização de tecnologias móveis para produção no webjornalismo, faz-se imprescindível resgatar, a seguir, algumas noções sobre jornalismo para então localizar o jornalismo móvel e o jornalismo 3G⁴ dentro das categorias de jornalismo praticado a partir do surgimento da internet.

O JORNALISMO ENTRA NA ERA DIGITAL: CONCEITOS E LINGUAGENS

Nilson Lage define a notícia como produto de caráter imediato enquanto "relato de uma série de fatos a partir do fato mais importante, e este, de seu aspecto mais importante" (LAGE, 1979, p.36). Desse modo, os critérios básicos determinantes para o conceito de notícia são forma e escolha. Estes dois componentes básicos que constituem a notícia dizem respeito a "uma organização relativamente estável, ou componente lógico, e elementos escolhidos segundo critérios de valor essencialmente cambiáveis, que se organizam na notícia – o componente ideológico" (Idem, p.37).

Quanto ao modo e tempo que elas ocorrem, as notícias tanto podem ser do tipo: (a) previstas, quando nos permitem um conhecimento antecipado, (b) imprevistas, quando de caráter inesperado, como acidentes, e (c) mistas, quando reúnem o previsto e o imprevisto numa mesma informação. (BAHIA, 1990, p. 38).

A informação por sua vez é quase sempre abordada de forma equívoca como sinônimo de notícia. Entretanto, se toda notícia é antes informação, nem toda informação é de fato notícia. Por ser caracteristicamente mais abrangente do que a notícia, leva-se em conta essa terminologia sempre que os produtos resultantes da produção jornalística e a mobilidade digital forem designados. A conceituação desenvolvida por Gonzalo Abril parece mais adequada, tendo em vista a abordagem dentro da experiência contemporânea. A partir do conceito de "textos informativos" observa-se que a fragmentariedade do texto contemporâneo é uma condição da própria experiência contemporânea. São uma classe de textos que não possuem uma estrutura e nem propõe uma leitura linear.

A estrutura dos textos não lineares consiste em uma montagem de fragmentos ou unidades de informação semióticamente heterogêneas

(verbais, gráficas, icônicas, etc.) e modulares, como resultados suscetíveis em muitas ocasiões de agrupamento e de trajetórias de leituras diversas. [...] Como um produto, a informação pode ser mantida à distância a partir do exterior, na objetividade do texto: a informação "está" nos jornais, nos livros, bibliotecas, arquivos, videotecas, na "Exomemória" (tomo a expressão de García Gutiérrez, 2002a) das bases de dados e sites da web, em enclaves textuais, materiais virtuais. [...] Mas enquanto *matriz cultural* a informação é mais uma *forma mentis*, um conjunto de formas de conhecer, ler, sentir e como resultado uma condição da experiência dos objetos, objetivação e sua possível tradução textual. (ABRIL, 2003, p. 25-27)

Já o conceito de jornalismo referido diz respeito ao mesmo estipulado por Rizzini (1977): o jornalismo consiste na transmissão de informações que difundem temas sobre a atualidade, representam algo novo que ainda não tenha sido de conhecimento público. O jornalismo deve apresentar uma variedade temática, permitir que a circulação dessas informações entre as pessoas seja livre e estabelecer uma periodicidade fixa. Melo (1994) também expõe outras características importantes, determinadas pelo fator atualidade, para denominarmos o processo jornalístico. São elas: velocidade, agilidade e continuidade.

No jornalismo online e no webjornalismo, a valorização da informação como mercadoria torna-se mais evidente do que nas outras formas de jornalismo tidas como tradicionais. Essa valorização está imbricada na forma como os dados são trabalhados, como os conteúdos são criados e disponibilizados, bem como na maneira em que se desenrolam as relações subjacentes entre emissores e receptores. Ao acompanhar as mudanças em escala mundial – assim como o jornalismo eletrônico, o jornalismo digital, o jornalismo online e o webjornalismo – o jornalismo móvel e o jornalismo 3G também se distinguem do jornalismo praticado em meios tradicionais, sobretudo devido ao tratamento da informação tanto na esfera da produção, como da difusão e da recepção.

A fim de melhor compreender as especificidades de cada uma das linguagens de jornalismo contemporâneo, Luciana Mielniczuk estabelece alguns conceitos formalizados em categorias para uma sistematização de acordo ao meio tecnológico. Considera-se importante a estipulação de termos que designem as práticas jornalísticas a partir de suas relações com as novas tecnologias, sobretudo em virtude da explosão, a mais de uma década, de variadas nomenclaturas utilizadas para fins jornalísticos.

A melhor compreensão visa, sobretudo, localizar o jornalismo móvel e 3G dentro dessas categorias e oferecer subsídios para que se possa utilizar uma nova nomenclatura que não seja confundida com o jornalismo móvel enquanto publicação móvel. De todo modo, os pesquisadores ainda não chegaram a nenhum consenso sobre qual melhor terminologia para definir as diversas relações do jornalismo com o meio tecnológico, seja para o jornalismo que é praticado “em/para” ou mesmo valendo-se dos dispositivos tecnológicos como ferramenta principal ou auxiliar.

Há uma tendência no jornalismo brasileiro a utilizar em maior escala a nomenclatura jornalismo online ou jornalismo digital, seguindo a preferência norte-americana. A pesquisadora sugere uma sistematização dos termos que privilegie os meios tecnológicos, assim como, de acordo com Machado (2000), o termo digital remeteria à peculiaridade deste suporte, de certa forma ainda recente, a um passo que o termo online estaria direcionado a apenas uma característica deste meio:

Propomos uma sistematização que privilegia os meios tecnológicos, através dos quais as informações são trabalhadas, como fator determinante para elaborar a denominação do tipo de prática jornalística, tanto na instância da produção quanto na instância da disseminação de informações jornalísticas. (MIELNICZUK, 2003, p. 41).

Portanto, Mielniczuk define as nomenclaturas a respeito das práticas de produção e difusão da informação do jornalismo contemporâneo da seguinte maneira:

- 1) **Jornalismo eletrônico** – Este seria o âmbito mais abrangente de todos, uma vez que o termo eletrônico refere-se a todo equipamento de ordem tecnológica (digital ou analógico) utilizado no jornalismo, seja para captura, produção ou disseminação de informação. Neste âmbito, a tecnologia ocupa cada vez um espaço maior, seja na utilização de câmeras fotográficas digitais quanto na utilização de suportes digitais como CD e DVD e na manipulação dos dados em forma de *bits* – emprego de *hardware* e *software*. De acordo com Bastos (apud MIELNICZUK, op. cit.) o termo jornalismo eletrônico englobaria o jornalismo digital e o jornalismo online.

- 2) **Jornalismo digital ou jornalismo multimídia** – Esta terminologia refere-se ao jornalismo que emprega tecnologia digital e oferece ao jornalista a possibilidade de manipulação textual e áudio-visual dos recursos digitais. Nesse conceito a preocupação central está na esfera da produção e no desenvolvimento e disponibilização de produtos. Para Machado este conceito está estritamente vinculado ao novo suporte e suas particularidades e também pode se desenvolver no ciberespaço:

O jornalismo digital representa a adaptação de uma modalidade específica de conhecimento da realidade à tecnologia de transmissão digital, que codifica os sinais por meio de algoritmos decimais em unidades binárias. (MACHADO, 2000, p. 08).

- 3) **Ciberjornalismo** – Remete à palavra cibernética que, de acordo com Wiener (1970), criador do conceito, é o estudo dos processos humanos de comunicação e controle, nas máquinas e sistemas eletrônicos. Portanto ciberjornalismo será aquele jornalismo realizado com auxílio das tecnologias viabilizadas pela cibernética. Um bom exemplo desse tipo de jornalismo é o gerenciamento de banco de dados para a realização de uma matéria, mediante o computador.
- 4) **Jornalismo online** – É o jornalismo conexo em tempo real, ou seja, que utiliza tecnologia digital da rede para acesso e transferência de dados em fluxo contínuo e praticamente instantâneo. Pode ser definido como jornalismo assistido por computador e que integra também a pesquisa online em redes. Para esse jornalismo é utilizado quase sempre tecnologia digital. No entanto Mielniczuk reforça que nem tudo que é digital é também online: “As possibilidades referentes à disponibilização de informações jornalísticas na rede são denominadas [por Bastos] de jornalismo digital” (op. cit., p. 41).
- 5) **Webjornalismo** – Está circunscrito apenas a uma parte específica da internet, a web, que de modo algum deve ser usada como sinônimo para internet. A principal relação desta terminologia está diretamente relacionada com o suporte no qual se desenvolve, assim como o jornalismo feito para a televisão, designa-se telejornalismo, para a rádio, radiojornalismo e para o papel impresso, jornalismo impresso.

Consideramos o webjornalismo como a prática do jornalismo (em suas fases de produção, captação, edição e veiculação de notícias) na web, com as novas possibilidades que esta oferece em termos de recursos

em todos os aspectos da atividade: da busca de informações em fontes na rede até os instrumentos de veiculação e interatividade. Deve-se levar em conta ainda no webjornalismo a possibilidade de digitalização e manipulação informática de todos os recursos de comunicação: texto, áudio, vídeo e interatividade. (HAMILTON, op. cit., p. 02)

Estas são apenas uma das muitas características que distinguem a forma de lidar com a produção e disseminação de conteúdo nas plataformas digitais em relação ao jornalismo convencional. Tendo em vista essas especificações sobre as nomenclaturas passíveis de serem usadas em relação ao jornalismo feito para, em ou com aparelhagem tecnológica, verifica-se que na rotina de um jornalista contemporâneo as atividades realizadas podem ser encontradas em todas as definições.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante das perspectivas apresentadas, o jornalismo móvel, entendido aqui como toda prática jornalística que se vale do suporte móvel como ferramenta de produção e difusão de conteúdos jornalísticos, pode ser localizado dentro de cada uma das categorias, com finalidades distintas aplicadas de acordo às necessidades de cada empresa jornalística. Dispositivos móveis possibilitam uma ampla gama de atividades específicas no trabalho do repórter, podendo as atividades se enquadrar em uma ou mais das categorias propostas.

A utilização de aparelhos celulares para simples contato entre a redação e a equipe de determinado jornal, por exemplo, pode ser considerada tanto jornalismo eletrônico quanto jornalismo digital. A verificação de dados armazenados nos aparelhos móveis como auxílio na produção também pode receber a nomenclatura de ciberjornalismo. Como será visto mais adiante, no terceiro capítulo, o uso de celulares nas emissoras de televisão para produção em jornalismo 3G, ou ao vivo, pode ser considerado jornalismo online. Celulares para produção e disseminação de vídeos para telejornais em tempo real, podem ser tanto jornalismo digital (eletrônico) quanto jornalismo online. Já esta mesma técnica aplicada à produção e publicação em tempo real de conteúdo audiovisual e também textual para webjornais é tanto jornalismo online quanto webjornalismo. A simples consulta de dados via internet móvel, ou acesso a um periódico com a

extensão *.mobi*, é jornalismo online e também webjornalismo, uma vez que as aplicações também são web.

No entanto o acesso via WAP (*Wireless Application Protocol*), apesar de utilizar uma tecnologia sem fio de acesso à internet, não pode ser confundido com a web por utilizar protocolos diferentes do HTML / HTTP. Apesar de atualmente os telefones celulares mais novos já possuírem navegadores WAP internos com suporte para HTML, é mais seguro restringir esta modalidade ao jornalismo online.

Aplicando esses conceitos ao jornalismo praticado na era da conexão e da mobilidade, observa-se que a nomenclatura irá variar não apenas conforme a tecnologia utilizada, mas também de acordo com os usos dados a essa tecnologia e de acordo a que meio o conteúdo é produzido. O jornalismo móvel eletrônico abarcaria todas as outras formas de se fazer jornalismo com dispositivos móveis, inclusive o webjornalismo e o uso síncrono de aparelhos celulares analógicos nas estações móveis de rádio na década de 1990, por exemplo. Já o jornalismo móvel digital ou multimídia, representaria todas as soluções desenvolvidas que empregam tecnologia digital para a manipulação textual e audiovisual, na esfera da produção. O jornalismo móvel 3G (online) restringiria ainda mais este termo, sendo apenas utilizado para a transmissão de dados em rede e em tempo real. Assim como no jornalismo online, nem todo jornalismo móvel é online.

Afim de não confundir um mesmo termo com práticas diferentes de jornalismo e com base nos conceitos e definições acima expostos, propõe-se como webjornalismo móvel (publicação móvel) todo aquele jornalismo disponibilizado na web e que possa ser acessado remotamente através de tecnologias móveis, tais quais os celulares e os *smartphones*. Mesmo não sendo referido como webjornalismo móvel, este jornalismo que se vale de suportes digitais e/ou online (incluindo o 3G) para produção e publicação de conteúdo na web será entendido como uma característica do webjornalismo de terceira geração, segundo as etapas do desenvolvimento do jornalismo na web elaboradas por Mielniczuk.

A autora defende a idéia de que o webjornalismo de terceira geração ainda precisa romper padrões, como o oferecimento de produtos diferenciados. Esse é o requisito básico para que se estabeleça uma *midiamorfose* (Fidler, 1997), em outras palavras, transformações que transcendem a simples reprodução do que

se pratica na mídia predecessora em virtude do desenvolvimento tecnológico. As adaptações dos meios durante a revolução industrial na busca pela sua própria linguagem foram um exemplo. Nota-se que a produção jornalística praticada a partir de ferramentas móveis poderia significar esta ruptura. Ainda assim, há subsídios suficientes para se propor também uma nova geração específica para o jornalismo móvel e o jornalismo 3G em relação ao próprio webjornalismo.

Levando em conta a maior dependência tecnológica das novas linguagens – jornalismo móvel e jornalismo 3G - em relação ao jornalismo praticado nas sociedades industriais clássicas, essas práticas contemporâneas revelam rupturas e novas formas de se pensar a produção jornalística distinta daquela executada pelos meios tradicionais. A matriz tecnológica possibilita novos fazeres, novas formas de produção, distribuição e consumo da informação.

LANGUAGES AND JOURNALISTIC PRACTICES IN THE ONLINE MOBILITY AGE

ABSTRACT

The Mobile Journalism and 3G Journalism have constituted the most recent restructurings of journalistic practices and languages due to the relationship between global and local. In fact, these are phenomena resulting from new ways of dealing with time and space in contemporary society and the union between communication and mobility seems to be a factor that generalizes this outlook mutations. Through a survey of the framework constituted by theoretical operations on the phenomenon of journalism and new information technologies (technologies and media culture, mobile web journalism and journalism), this article seeks to locate the 3G mobile journalism within these categories and offer subsidies to be able to use a new nomenclature.

Keywords: Journalism. Languages. New technologies. Mobility.

Notas

- ¹ Jornalista mestre em Ciências da Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos).

- ² Entende-se que não se deve afirmar que o uso de aparelhos celulares está inteiramente difundido pelo globo, nem negar a exclusão digital principalmente nas regiões mais pobres. Entretanto, de acordo com o relatório divulgado pelo Fórum Econômico Mundial, os telefones celulares seriam o melhor caminho para se promover a inclusão digital. Atualmente estima-se que já existam quatro bilhões de pessoas portadoras deste aparelho (MEDEIROS, 2010).
- ³ Conceito introduzido por Howard Rheingold (2003) para designar uma ação coletiva e auto-organizada através das novas tecnologias da comunicação como a Internet e dispositivos sem fio, como os celulares.
- ⁴ Em contrapartida ao termo jornalismo móvel, de caráter mais abrangente, a terminologia jornalismo 3G, de acordo com Bastos (2008), é uma concepção que está ligada especificamente à última geração de telefones móveis.

REFERÊNCIAS

- ABRIL, Gonzalo. *Cortar y pegar, La fragmentación visual em los orígenes del texto informativo*. Madrid: Cátedra, 2003.
- BAHIA, Juarez. *Jornal, história e técnica*. v. 2. Ática, 1990, p. 38
- BASTOS, Helder. VÍDEO: Helder Bastos explica o que é Jornalismo 3G. / *Congresso Internacional de Ciberjornalismo*. 2008. Universidade do Porto. Disponível em: <<http://blogciber.wordpress.com/2008/12/11/video-helder-bastos-explica-o-que-e-jornalismo-3g/>>. Acesso em: 10 jun. 2011.
- BOLTER, David; GRUSIN, Richard. *Remediation*. Understanding New Media. Cambridge Mass.: MIT Press, 1999.
- CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede*. A era da informação: economia, sociedade e cultura. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- _____. *A galáxia da internet*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- FIDLER, Roger. *Mediamorphosis*. Thousand Oaks, Ca: Understanding New Media Pine Forge Press. 1997.
- HAMILTON, Fernando Arteché. *Caiu na rede é notícia*. Uma análise sociológica do Webjornalismo. 2002. Dissertação de mestrado recebida por correio eletrônico em 05 jan. 2010.
- LAGE, Nilson. *Ideologia e técnica da notícia*. Petrópolis: Vozes, 1979.
- LYYTINEN, Kalle; YOO, Youngjin. *The Next Wave of Nomadic Computing: A Research Agenda for Information Systems Research*. 2001. Cleveland. Paper disponível em: <<http://sprouts.case.edu/2001/010301.pdf> >. Acesso em: 08 jun. 2011.
- MACHADO, Elias. *La estructura de la noticia em las redes digitales*. Um estúdio de las consecuencias de las metamorfosis tecnológicas em el periodismo. Tese

de doutorado. 2000. Disponível em: <http://tede.ibict.br/tde_busca/arquivo.php?cod_Arquivo=171>. Acesso em: 10 jun.2011.

MCLUHAN, Marchal. *Contraexplosión*. Buenos Aires: Paidós, 1969.

MEDEIROS, Marcelo. Celular é caminho para fim da exclusão digital, segundo o Fórum Econômico Mundial. In: *Observatório do direito à comunicação*, 28 jan. 2010. Disponível em: <http://www.direitoacomunicacao.org.br/content.php?option=com_content&task=view&id=6085>. Acesso em: 27 mai. 2011.

MELO, José Marques de. *A opinião no jornalismo brasileiro*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1994. 208 p.

MIELNICZUK, Luciana. Sistematizando alguns conceitos de jornalismo na web. In: MACHADO, Elias; PALACIOS, Marcos (orgs). *Modelos de jornalismo digital*. Salvador: Calandra, 2003.

RHEINGOLD, Howard. *Smart Mobs*. The next social revolution. Perseus Publishing, 2003.

RIZZINI, Carlos. *O jornalismo antes da tipografia*. São Paulo: Nacional, 1977. 204 p.

WEISER, Mark. *The Computer for the 21st Century*. Xerox Palo Alto Research Center. 1991. Disponível em: <http://www.media.mit.edu/resenv/classes/MAS961/readings/weiser_reprint.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2011.

WIENER, Norbert. *Cibernética ou Controle e Comunicação no Animal e na Máquina*. São Paulo: Polígono: EDUSP, 1970. 257p.